

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



Além das variantes do texto crítico, há um outro aparato para as fontes de (ou estudos sobre) Mário Vitorino. Os vários livros da Bíblia são frequentemente referidos. Dos clássicos apenas registámos uma citação de Virgílio (*Eneida* I, 58-59), a propósito do texto paulino aos Efésios II, 2 (p. 149). Não estranhará esta parcimónia quem se lembrar de que, de um modo geral, só após o exemplo de grandes doutores, como S. Jerónimo e Santo Agostinho, as letras clássicas deixaram de ser suspeitas para uma sociedade que vivia, em boa parte ainda, entre símbolos e instituições de forte tradição pagã.

J. G. F.

HILDEBERTI CENOMANENSIS EPISCOPI *Carmina minora*, recensuit A. Brian Scott, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, Leipzig, 1969, XLII + + 76 pp.

A. Brian Scott defendeu a sua tese de doutoramento, arquivada na Biblioteca Bodleiana de Oxford, sobre Hildeberto de Le Mans ou de Lavardin; sobre este autor escreveu também no vol. VI da revista *Medieval and Renaissance Studies* e finalmente durante dez anos trabalhou na Biblioteca Bodleiana, sob a direcção de R. W. Hundt, para preparar esta edição de parte da poesia de Hildeberto. Estava, pois, em condições de apresentar trabalho modelar.

Hildeberto de Lavardin nasceu por 1056, foi mestre da escola da catedral de Le Mans e depois bispo desta diocese (desde 1096) e finalmente, já idoso, foi transferido para o arcebispado de Tours, onde morreu em 1133. A sua actividade literária é abundante: tratados, epístolas, sermões, biografias e poemas. A produção poética compreende poesias longas, como a *Vita S. Mariae Aegyptiacae* (902 versos), *De mysterio missae* (608 versos), *Epigrammata biblica* (413 versos) e *Carmina minora* (1098 versos). Apenas estes são objecto da publicação que temos presente, que consta de 57 poesias autênticas e 5 que poderão ser de Hildeberto, mas cuja autenticidade não é segura. O período em que foram compostos estes pequenos poemas, segundo os indícios que podem descortinar-se em alguns deles, vai desde 1081 a 1127, isto é, abarca quase toda a época em que era possível, para Hildeberto, entregar-se à actividade literária.

Só agora foi publicada uma edição crítica dos *Carmina minora* de Hildeberto, mas isto não significa que ele tenha sido esquecido. Só para estes poemas encontrou Brian Scott 20 manuscritos principais e cerca de 270 de menor importância. Além disso, a obra de Hildeberto foi editada e estudada por várias vezes: J. Hommey (Paris, 1685); A. Beaugendre (Paris, 1708); J. Bourassé (Paris, 1854 = Migne, PL 171); B. Hauréau (Paris, 1882); A. Wilmart (*Revue Bénédictine*, 1936), etc. Para integrar o seu autor na literatura e poesia da época, fornece Brian Scott uma bem elaborada bibliografia sobre latim medieval (pp. XXXV-XLI). Igualmente úteis as suas obser-

vações sobre particularidades lexicais, morfológicas, sintáticas, estilísticas e métricas, fornecidas nas pp. 60-73, com remissão para os poemas em que elas se encontram exemplificadas.

A introdução (pp. V-XXXIV) contém os elementos biográficos essenciais, a descrição sumária dos códices utilizados, as recensões diversas que transmitem estes poemas e o estudo sobre a hipotética datação de algumas poesias. Será útil registrar que Scott tem boas razões para pensar que as duas recensões diferentes dos poemas autênticos são ambas obra de Hildeberto, o qual, após uma primeira divulgação de algumas poesias, refundiu e aperfeiçoou o trabalho anterior.

O texto crítico está modelarmente apresentado. O rodapé não regista apenas as variantes dos códices, mas tem ainda uma secção para as fontes de Hildeberto ou lugares paralelos e outra para os autores que imitaram ou citaram estes poemas. Entre os paralelos e fontes prováveis notámos a presença do *Regimen Sanitatis Salernitanum*, dos clássicos Horácio (todas as suas obras), Marcial, Ovídio (vários dos seus poemas), Lucano, Lívio, Séneca, Juvenal, Suetónio, Salústio, Terêncio e dos mais tardios, Tertuliano, Prudêncio, Claudiano, Ambrósio, Agostinho, Boécio, etc. Como se vê, era vasta a erudição de Hildeberto e foi trabalhosa a pesquisa de Brian Scott.

A métrica é variada, notando-se que Hildeberto dominava os ritmos quantitativos clássicos tanto como a métrica intensiva medieval; e muitas vezes sabe combinar a quantidade com a técnica rimática. Veja-se, por exemplo, este dístico elegíaco, com o título *De uirgine Maria* (n.º 12), onde se concilia a quantidade e a rima dita leonina (que assinalamos a «redondo»):

*Lacto Creatorem: saluum mihi crede pudorem
res noua: uirgo parens, et caro patre carens*

Os temas são também muito variados: dedicatórias a familiares e a amigos, alguns de prestígio social; considerações morais, sátiras, festas litúrgicas, cidades e nações, sacramentos, mitos clássicos, epitáfios, etc.

Admirando embora o trabalho de Brian Scott, cremos que em alguns casos podia ir mais longe. Limitemo-nos a dois ou três exemplos.

O poema n.º 55, que é um autêntico hino à Santíssima Trindade, com um total de 204 versos, está já recheado de fontes e lugares paralelos. O editor declara ignorar porém a fonte dos versos 1-34. Em nosso entender, trata-se de uma exaltação genérica da Divindade, devendo referir-se especialmente ao Pai. (Depois virá a do Filho, vv. 35-64, e a do Espírito Santo, vv. 65-74; o resto aplica-se à Trindade em geral). Os versos, de rima emparelhada, são constituídos por ritmos de 8 sílabas com acento na 3.ª e na 7.ª (exceptuando o primeiro que está acentuado na 4.ª e na 7.ª). O ponto de partida é a inspiração bíblica:

*Alpha et Ω, magne Deus,
heli, heli, Deus meus.*

O primeiro verso corresponde a um título que se encontra por três vezes no Apocalipse (1, 8; 21, 6; 22, 13); o segundo provém do Evangelho de S. Mateus 27, 46. Quanto a nós, deveria escrever-se *eli, eli* (embora os manuscritos medievais possam

trazer um *h* inicial), pois em grego temos espírito brando: ἠλλί, ἠλλί, a ponto de entre os circunstantes da Paixão de Cristo haver quem julgasse que Ele invocava ἠλλάς. De modo semelhante em Marcos 15, 34 lemos ἠλωί, ἠλωί.

Os restantes 32 versos são uma descrição dos atributos divinos, de acordo com a tendência da teologia e oratória cristã que recorre exuberantemente a antíteses e à tentativa de ver em Deus uma «coincidência dos opostos». Citamos apenas, como exemplo, o jogo das palavras onde se põe em relevo o conceito de espaço e a insistência no vocábulo *cuncta*. Repare-se ainda na exactidão métrica:

super cuncta, subter cuncta,
extra cuncta, intra cuncta
intra cuncta, nec inclusus,
extra cuncta, nec exclusus;
subter cuncta, nec substratus,
super cuncta, nec elatus.

Na mesma poesia, a propósito dos versos 113-120, remete Scott apenas para Mateus 8, 23-27 (onde se refere a tempestade acalmada) e declara que «não sabe donde tirou o nosso poeta a imagem dos piratas». Nós vemos ali a combinação de dois temas: 1 — o da vida comparada a uma embarcação (motivo frequente na literatura clássica e bíblica), imagem para que remete a citação de S. Mateus; 2 — o da parábola do bom pastor (cf. João 10, 7-14) onde se fala dos ladrões e dos lobos que assaltam o rebanho. Hildeberto menciona claramente a imagem do navio da sua vida (*mea ratis*, v. 313) que navegava entre perigos e tempestades (*preme uentos*, v. 118). É natural que querendo manter a unidade da imagem (em vez de falar do bom pastor, invoca o *bone nauta*, v. 117) tenha substituído os lobos e os ladrões pelo seu equivalente nos perigos do mar — os piratas. A invocação poderia ter-lhe surgido pela própria necessidade da rima, uma vez que para embarcação só usa o substantivo *ratis* (v. 113)/*rate* (v. 120) a emparelhar respectivamente com *piratis* (v. 114)/*pirat(a)e* (v. 119). Hildeberto também tinha direito à originalidade!

Ainda no mesmo poema 55 escapou a Scott a influência que sobre os versos 189-193 exerceu o capítulo 21 do Apocalipse, em que se descreve de modo prodigioso a cidade nova, a Jerusalém celeste, edificada sobre magníficos fundamentos. Transcrevemos os versos rimados de Hildeberto para se evidenciar o paralelismo com o passo acabado de apontar:

urbs caelestis, urbs beata,
supra petram collocata;
urbs in portu satis tuto,
de longinquo te saluto.

Além do passo bíblico, cremos que seria também oportuno mencionar (como fonte ou como paralelo?) o hino *Caelestis urbs Ierusalem*, que se canta na festa da dedicação das igrejas. Se este ofício é anterior a Hildeberto (problema que ultrapassa o âmbito desta recensão) é muito provável que esteja aí a sua fonte de inspiração directa.

Notemos, finalmente, que a análise das cinco composições apresentadas sob reserva foi bastante descurada. Brian Scott parece não ter querido aprofundá-las.

Mas, autênticas ou não, mereciam igual tratamento, pelo simples facto de serem poesias a documentar uma época. Por exemplo, a que tem o n.º 2 está cheia de alusões à Sagrada Escritura; e o n.º 3 tem várias remissões para mitos clássicos: Tersites, Orestes, e a «esposa de Heitor». É pessimista e exagerada a sua concepção dos efeitos do dinheiro sobre a mulher. Vejam-se dois dísticos elegíacos (vv. 47-50) onde nem a fiel e perseverante Penélope escapa à crítica:

dona truces animos et uerba seuera relaxant:

Penelope donis altera Thais erit.

sed iam Thais erit Iunone seuerior ipsa,

si nullas habeat pulcer amator opes.

A identificação destas personagens, ainda que fácil para um classicista, merecia uma breve anotação. Sobre Tais cf. A. da Costa Ramalho, *Humanitas XVII-XVIII* (1965-66) pp. 262 e 365. Esta personagem não deve ser confundida com a penitente Táisis (vulgarmente chamada Tais, v.g. Anatole France no romance *Thais*, Paris, 1890), cuja história foi traduzida por Pascásio de Dume (LVII, 4) e a que nós fizemos referência no I tomo de *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, pp. 18-24 (Coimbra, 1971).

J. G. F.

COLUMBA M. BATLLE, Die «Adhortationes Sanctorum Patrum» («Verba Seniorum») im lateinischen Mittelalter, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1972, XIX + 340 pp.

Quando estávamos a terminar esta série de recensões, veio ter-nos ainda à mesa de estudo um livro por que há muito esperávamos. Com efeito, quando nós começámos a estudar, em 1963, a obra de Pascásio (Livro VII das *Vitae Patrum*) deparámos logo na bibliografia inicial com C. M. Batlle, que desde 1956 a 1963 se dedicara intensamente à tradução dos apotegmas dos padres do deserto, feita por Pelágio e João (Livros V e VI das *Vitae Patrum*). Era natural que, procurando a transmissão manuscrita de Pelágio-João, encontrasse Batlle muitos códices em que se seguia a obra de Pascásio. Em contrapartida, enquanto nós pesquisávamos, em catálogos e bibliotecas ricas em manuscritos, o texto de Pascásio, muitas vezes encontrámos também, ora antes ora depois, a obra de Pelágio-João. Durante anos Batlle nos comunicou a existência de vários manuscritos que nos interessavam e nós demos-lhe também listas de códices que podiam igualmente integrar-se no seu trabalho.

Confessa Batlle no prefácio, datado de 1968, que a sua primeira intenção foi estabelecer o texto crítico da versão latina atribuída a Pelágio-João. Foi por